

VOZES DA COMUNIDADE:

A Arte e a Cultura na concepção de Sujeito¹.

Rosa Lucia Rosa Gomes²
Marcio de Souza³

RESUMO

Discute-se neste trabalho o papel que a arte e a cultura desempenham na sociedade brasileira atual, sobretudo, em comunidades ditas periféricas. Com o olhar voltado para essa perspectiva, tomou-se como ponto de partida o discurso dos adolescentes expostos às manifestações artísticas e culturais diferenciadas. Tais atividades são propiciadas pelo terceiro setor, que se dedica ao fornecimento de serviços básicos de assistência, isso possibilita que a juventude com pouco poder socioeconômico tenha acesso à cultura e a arte. Procurou-se refletir também sobre o papel da arte e da cultura nas comunidades ditas periféricas, mais especificamente, na comunidade de Santa Rita do Zarur, localizada na cidade de Volta Redonda. Para tanto, buscou-se observar se através da utilização de práticas artísticas, recheadas de novas informações e realidades, haveria rebatimentos transformadores no discurso dos adolescentes dessa comunidade.

Palavras-chave: arte, polifonia, terceiro setor.

ABSTRACT

It is discussed in this paper the role that culture and art play in the current Brazilian society, mainly in said peripheral communities. Focusing on this perspective, it was took as starting point the speech of adolescents exposed to different artistic and cultural manifestations. Such activities are provided by the third sector, which is devoted to provide basic assistance services. This enables young people with low socioeconomic status to have access to culture and art. This paper also aims to contemplate the role of art and culture in said peripheral communities, more specifically, in the community of Santa Rita do Zarur, located in Volta Redonda city. To this end, we sought to observe if the use of artistic practice, filled with new realities and information, would have a transforming change in the speech of the adolescents in this community.

Key words: art, polyphony, third sector.

¹ As entrevistas reunidas neste artigo foram obtidas graças à dedicação e empenho das bolsistas do Projeto de Iniciação Científica (PIC) Laura Gevisiez de Abreu e Franciane Barbosa dos Santos.

² Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ e Docente no Centro Universitário Geraldo Di Biase - UGB

³ Mestre em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC/RJ e Docente do curso de Serviço Social no Centro Universitário Geraldo Di Biase – UGB

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo contribuir para a discussão do papel que a arte e a cultura desempenham na sociedade brasileira atual, tomou-se como ponto de partida o discurso dos adolescentes expostos às manifestações artísticas e culturais diferenciadas. Essas atividades são possibilitadas pelo terceiro setor⁴, que se dedica ao fornecimento de serviços básicos de assistência e com isso possibilita que a juventude com pouco poder socioeconômico tenha acesso à cultura e à arte. As demandas apresentadas pela conjuntura atual tornam cada vez mais incompatíveis para a juventude marginalizada usufruir dos bens e serviços em prol da transformação social. As manifestações culturais estão mais associadas aos aspectos sociais e políticos do que aos estéticos ou econômicos. O atual contexto capitalista de extrema desigualdade social inviabiliza os acessos às políticas públicas que diante desse contexto não são universais, mas focalizadas. A ausência de acessos garantidos dificulta a essa população autonomia enquanto cidadão, emancipação e inserção no mercado de trabalho. Diante desse contexto iniciamos o estudo, que tem como base, dois enfoques: a juventude da comunidade Santa Rita do Zarur⁵ e a cultura como instrumento catalisador para ingresso a diferentes manifestações culturais.

É importante destacar que a cultura é um direito elencada na Constituição Federal de 1988 em seu artigo 215: “O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes de cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.” Porém, a sociedade ainda não a assimilou como tal.

Apesar de ser um direito protegido pela Constituição Federal, ainda assim, não há investimentos. Pois a cultura não é considerada um elemento prioritário. Diante disso, pode-se perceber uma atuação bastante significativa do terceiro setor, nesse espaço não ocupado pelo Estado.

⁴ É importante pontuar que o termo “Terceiro Setor” foi criado para resolver a dicotomia entre o público e o privado, onde o público é identificado como Estado e o privado como Mercado. Mas, se o Estado está em crise e o Mercado tem interesses lucrativos, não podem dar resposta às demandas sociais. Então, o Terceiro Setor passa a ser compreendido como a articulação entre ambos os setores, público e privado, seria a atividade pública desenvolvida pelo setor privado. Para Fernandes (1994), o Terceiro Setor é “um conjunto de organizações e iniciativas privadas que visam a produção de bens e serviços públicos”.

⁵ O bairro Santa Rita do Zarur está localizado na zona norte da cidade de Volta Redonda, Rio de Janeiro.

A QUESTÃO DISCURSIVA OBSERVADA ATRAVÉS DA ARTE

Nosso objetivo aqui é refletir sobre o papel da arte e da cultura nas comunidades ditas periféricas, uma vez que a cultura, na maioria das vezes, não representa fonte de renda para os sujeitos envolvidos, mas se amplia e se fortalece, certamente para obter outros ganhos. Com base em dados de fala colhidos na comunidade de Santa Rita do Zarur, busca-se observar se através da utilização de práticas artísticas, recheadas de novas informações e realidades, há rebatimentos transformadores no discurso dos adolescentes da comunidade Santa Rita do Zarur. Outro ponto de observação seria o de conhecer o significado de arte para esses jovens a partir do incentivo dado às práticas artísticas na comunidade.

REGULARIDADES DISCURSIVAS

Quanto ao método de trabalho, em nossa abordagem vamos do particular para o geral, porque o próprio critério permite a descoberta do que ocorre e recorre de forma regular, e que nos permite construir a generalização a partir do contexto comunicativo. Para isso, trabalhamos com coleta etnográfica que procura ver o mundo sob a ótica do informante. Procuramos colher do informante os materiais mais concretos e reais, em situações tão concretas quanto possíveis de comunicação. A entrevista foi altamente estruturada com os informantes sabendo de antemão os itens que irão abordar, a finalidade da coleta e a destinação acadêmica e social da mesma. O corpus se constitui de textos orais, quais sejam: narrativas de experiência pessoal, narrativas recontadas e relatos de opinião. A pesquisa exploratória determinou o trabalho de forma qualitativa. A questão metodológica é fator determinante em pesquisas, especialmente na Análise do Discurso. “ É preciso explicitar as razões pelas quais uma conversa de bar, por exemplo, não se constitui em princípio, em objeto da AD (...) A AD se apóia crucialmente sobre os conceitos e os métodos da linguística ...” (MAINGUENEAU, 1997, p. 13)

Entre os motivos que nos levaram a trabalhar com a linha de estudo da Análise do Discurso está à tradição da AD em pesquisas de cunho político e social.

Nossa base de estudo pode ser comprovada na linguística recente em diferentes estudiosos, a exemplo de Pêcheux (1975), Benveniste (1989) que representam a AD francesa e Foucault (1971).

Com foco nessa concepção político-social, inicialmente tomamos como base Benveniste que dá especial relevo a questão do sujeito falante ao afirmar que “o locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por índices específicos”. Ao falar em “posição” do locutor, ele levanta a questão da relação que se estabelece entre o locutor, seu enunciado e o mundo; relação que estará no centro das reflexões da análise do discurso em que o enfoque da posição sócio-histórica dos enunciadores ocupa um lugar primordial. (BRANDÃO 2010).

Essa perspectiva, segundo Orlandi (1986) apud Brandão (2010) marca uma direção para a teoria do discurso, pois parte de uma relação necessária entre o dizer e as condições da produção desse dizer. Sem perder de vista essa relação, tomamos também como base Pêcheux (1975) e seus conceitos básicos de formação social, língua e discurso. (BRANDÃO, 2010)

CONCEPÇÃO DE SUJEITO

A Análise do Discurso estuda a concepção de sujeito que vai perdendo a polaridade centrada ora no eu ora no tu e que se enriquece com essa relação dinâmica entre identidade e alteridade. Assim, o centro da relação não está nem no eu nem no tu, mas no espaço discursivo criado entre ambos. O sujeito só constrói sua identidade na interação um com o outro. Segundo Pêcheux (1975, p.144):

O sentido de uma palavra, expressão, proposição não existe em si mesmo (isto é, em sua relação transparente com a alteridade do significante), mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras, expressões, proposições são produzidas.

Assim, é a interpelação ideológica que permite a identificação do sujeito, e ela tem efeito retroativo na medida em que faz com que todo o sujeito seja “sempre já sujeito”. Segundo Brandão (2010), o indivíduo é interpelado em sujeito (livre) para se submeter livremente a ordem do Sujeito (com S maiúsculo), logo para que ele aceite livre o seu assujeitamento. Portanto, há uma contradição no interior desse sujeito: não sendo nem totalmente livre nem totalmente submetido, o espaço de sua constituição é tenso Orlandi *et al.*, (1988) apud Brandão (2010), pois, ao mesmo tempo em que é interpelado pela ideologia, ele ocupa, na formação discursiva que o determina, com sua história particular, um lugar que é essencialmente seu. A identificação do sujeito do discurso com a formação discursiva que o

domina constitui o que Pêcheux (1975) chama a forma-sujeito. A forma-sujeito é, portanto, o sujeito que passa pela interpelação ideológica, ou seja, o sujeito afetado pela ideologia. Dessa maneira, se pode perceber que não há sujeito do discurso, mas diferentes posições de sujeito. Também as palavras só adquirem sentido dentro de uma formação discursiva. Concebe-se, assim, o sentido como algo que é produzido historicamente pelo uso e o discurso como efeito de sentido entre locutores posicionados em diferentes perspectivas. Deste modo, não há um sujeito único, mas diversas posições-sujeitos, as quais estão relacionadas com determinadas formações discursivas e ideológicas.

A FORMAÇÃO IDEOLÓGICA

Já no primeiro contato com a ONG Central de Apoio Aprendendo a Viver, em Santa Rita do Zarur, pudemos perceber uma comunidade empobrecida e uma ONG com um déficit alto de estrutura para cumprir a sua proposta de intervir na comunidade. A carência de recursos é tão grande que a única atividade artística é o balé, a única professora, ainda, não concluiu sua formação, tem 16 anos. As alunas entrevistadas têm idades entre 9 e 13 anos. Conforme relato de A, um dos Coordenadores da ONG, os adolescentes compram seus uniformes com muito sacrifício, mas mesmo com todas essas dificuldades, argumentam que estar na ONG tem sido um momento transformador em suas vidas. Todas alegam estar mais desinibidas, ter melhorado na escola e que gostam muito do lugar. Assim, ao que parece, apresentam um traço ideológico semelhante, talvez por terem uma história semelhante. Pelo menos no que diz respeito à importância da ONG em suas vidas. Tendo em mente esse conceito, vejamos alguns relatos:

Exemplo 1: “(...) **quando eu chego em casa eu mostro** as coisas que eu aprendo...Tenho que tá mostrando **as coisas que eu aprendo pra minha família... Na escola também as minhas notas melhoraram...** porque ela [Professora de balé] é rígida... e fala que tem que melhorar a nota que assim você fica no balé mais des preocupada...(...)...a **flexibilidade do corpo...também...melhorou...**porque...éh... primeiro vem os exercícios...eh...eu acho que **a gente fica mais leve...** se sente mais leve...quando eu comecei eu não conseguia fazer nada...assim... os exercícios...mas aí fui melhorando...” (AM, 11 anos) (*grifos nossos*)

Exemplo 2: “(...) ela é muito legal... é a melhor professora que eu já tive... **Meu pai e minha mãe gostô de eu tá na ONG...** por causa do balé... **eu melhorei minhas notas...**” (AB, 9 anos) (*grifos nossos*)

Exemplo 3: “(...)Tô no quarto ano da escola Municipal (...) eu gosto de participar ...já faz dois anos que eu frequento a ONG...já fiz duas apresentações...veio muita gente... eu gosto muito daqui...muito bom aqui...eu **era muito bagunceira** na escola...aí eu comecei a fazer balé **comecei a ficar calma**...aí quando eu fui pra escola **o pessoal perguntou assim... o que aconteceu?**... aí eu **falei** assim...**tô fazendo balé agora**...” (PO, 9 anos) (grifos nossos)

Como podemos perceber, os fragmentos acima revelam aspectos relacionados ao auto-reconhecimento e a construção de uma nova representação do indivíduo perante o outro, o que num primeiro momento, através de relatos colhidos no local não se percebia, tais como: disciplina, respeito, postura... Dessa forma, a transformação do indivíduo, pode assim, impactar no coletivo, uma vez que passam a verem-se a si mesmos e a serem vistos de maneira diferente pela comunidade. Pois, pôde-se observar no discurso das adolescentes a adesão da família e da escola como elementos representativos dessa mudança.

O que se percebe através do observado, é que as atividades artísticas (no caso, o balé) têm sido aliadas preciosas na vida das adolescentes, por se tratar de um mecanismo de visibilidade do eu frente ao outro.

O resultado comportamental observado naquele grupo é que essa aceitação permite ao indivíduo despir-se, parcialmente, de sua origem social para adquirir a ideologia de uma nova cultura, a de prestígio, que uma vez adotada, total ou parcialmente, em tese, poderia possibilitar à comunidade outros acessos culturais e sociais.

A POLIFONIA DO DISCURSO

Como já dissemos, na Análise do Discurso, há na fala de um sujeito outras vozes. O discurso é polifônico, lugar em que ocorrem vozes cruzadas, complementares, concorrentes e contraditórias. Assim, nas entrevistas, puderam ser percebidos aspectos essencialmente polifônicos, esses aspectos podem ser percebidos nos gêneros discursivos argumentativos, quando as entrevistadas defendem os organizadores da ONG, nas vozes da Comunidade ali representada pelas adolescentes entrevistadas, no discurso da professora que atua como elemento transformador naquela ONG de várias maneiras: em situação controladora, quando passa valores que caracterizam a bailarina, tais como: a de dor física, em momentos em que são chamadas a melhorarem a postura ou as notas para poderem continuar fazendo parte

daquele grupo. Há vozes de outros sujeitos também, a dos gestores da ONG e, ainda, nas narrativas em que as entrevistadas contam fatos que aconteceram com elas que poderiam ser questionados, mas que diferentemente do esperado, são defendidos, pois há toda uma expectativa do grupo social a que pertencem respaldando e determinando comportamentos. A análise dos dados de fala nos mostra que conforme argumenta Laraia:

O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridos pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultura permite as inovações e invenções. Estas não são, pois a produção da ação isolada de um gênio, mas o resultado do esforço de toda uma comunidade [...] (LARAIA, 2006, p. 45)

O discurso, desse modo, estaria recheado de outras vozes, a individualização do sujeito seria, portanto uma ilusão, pois é a reprodução do discurso de um grupo. O indivíduo é interpelado em sujeito (livre) para se submeter livremente a ordem do Sujeito (com S maiúsculo), logo para que ele aceite livre o seu assujeitamento. Essa posição de não sujeito de seu discurso, resultado das várias vozes do contexto cultural a que está exposto, pode ser vista nas transcrições abaixo:

Exemplo 4: “(...) nos erros de passo... **você é chamada atenção...**pra gente... tá vendo os erros e tá se esforçando... **como ela mesmo diz as bailarinas chora... até mesmo pra aprendê a fazê o que é necessário...** eh ... às vezes você chega a chorar mesmo de tanto que dói...” (AM, 11 anos) (grifos nossos)

Exemplo 5: “(...) às vezes... **a professora senta na gente pra gente ir mais pra frente e dói...** e aí a gente começa a rir...” (AB, 9 anos) (grifos nossos)

Exemplo 6: “(...)Tem um ano que eu frequento aqui... estou no oitavo ano ... eu acho muito bom...**eu tinha um problema no joelho...não podia fazer balé não...agora... eu posso...**tô fazendo balé...quando fui apresentá lá na quadrafoi um montão de gente...e... eu sou um pouquinho tímida né? Tem que fazer apresentação e ...aí **tem que apresentá**” (CA,13 anos) (grifos nossos)

Observam-se, nos fragmentos, marcas lingüísticas que reproduzem esse assujeitamento. No discurso das adolescentes há a voz da bailarina, voz do grupo que elas representam, voz da família, da professora, dos amigos etc. Assim, o assujeitamento do indivíduo reproduz predominantemente a ideologia do grupo a que pertence.

No discurso das adolescentes existe o resultado de todo esse processo histórico e cultural, somado agora as novas condições discursivas propiciadas pela ONG que atua como uma ponte facilitando novos acessos culturais, uma vez que se tem por meio dela nova proposta social

O ESPAÇO SÓCIO-POLÍTICO-CULTURAL

Como já foi mencionado anteriormente, na construção da formação discursiva há várias vozes, vale aqui comentar a importância da representação da voz institucional na ONG, elemento que inevitavelmente, tem como tarefa formar opinião e definir o espaço sócio-político-cultural. Essa voz, que se pretende formadora de opinião, tem como propósito influenciar o pensamento do outro e possibilitar a construção desse outro a partir de suas próprias experiências. Ao definir o lugar discursivo que ocupa, essa voz revela imagens de sociedade, de gerenciamento e das relações de poder. Essa perspectiva pode ser observada no discurso de CA, professora da ONG.

EX:7 “(...)a ONG é pra ajudar a comunidade...**nem todos querem ajudar...** são poucos...**tem gente que critica...**acha que é só **pra pegar dinheiro...** essas coisas...**tem uns vereadores que ajudam...**mas...são poucos...também (...)”(CA, 16 anos) (grifos nossos)

EX8: “(...) **os pais dizem que os filhos vão continuar no balé...mas também não são todos os pais não...**mas tem a MK que vem com a mãe dela nas apresentações...(...)” (CA, 16 anos) (grifos nossos)

CA fala como professora, que a princípio representa a autoridade máxima, nesse momento de entrevista. E por isso se impõe, constrói imagens, quer convencer o ouvinte da falta de apoio dada à ONG pelas autoridades e ao fazer isso involuntariamente, chama a atenção para a ausência de apoio da própria comunidade ao projeto proposto pela ONG. A apropriação discursiva, que faz por consequência da posição ideológica a que está submetida, é que dá todo o respaldo a sua enunciação. Assim, CA está envolvida em uma relação de interlocução que requer uma postura mais questionadora, posição essa historicamente constituída⁶ e que requer um comportamento cercado de regras socialmente aceitas e esperadas.

⁶ Segundo Possenti (2001), a enunciação se faz a partir de posições que são historicamente construídas

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa intenção ao iniciarmos este estudo foi o de verificar empiricamente as propostas da Análise do Discurso na vertente de Pêcheux, Foucault, Benvenist e Brandão no discurso dos entrevistados. As análises evidenciaram que há na amostra de dados analisada traços ideológicos semelhantes entre as entrevistadas. A postura ideológica é a de aceitação de que o balé é de grande importância em suas vidas, uma atividade transformadora que agrega valores novos e positivos. Essa mesma ideologia propicia um modelo discursivo de assujeitamento às novas condições culturais e sociais propostas por meio da formação disciplinadora que o balé trás.

A ONG em que desenvolvemos a coleta possibilita, desse modo, à comunidade de Santa Rita do Zarur, por meio da dança, o acesso a uma cultura diferenciada. Direito Civil previsto no ECA e na Constituição Federal de 1988. Segundo Gohn (1999) apud Freitas (2009) e Simões (2008), o terceiro setor adquiriu importância estratégica nas últimas décadas. As atividades desenvolvidas no terceiro setor têm sido concebidas como um novo setor para a solução dos problemas sociais. Considerando as observações realizadas, torna-se necessário aprofundar o estudo das atividades culturais propiciadas pelas ONGs e analisar pelo discurso a qualidade da apropriação das informações e as formações oferecidas pelas ONGs. Seria interessante para um maior aprofundamento do trabalho, buscar outras comunidades e ONGs para conhecer a contribuição de outros movimentos culturais e seus reflexos no discurso da comunidade. Esta pesquisa tem um caráter inovador, pois é um assunto que tem sido pouco discutido na literatura. Esperamos por isso que tenhamos desenvolvido um trabalho que estimule a reflexão e que por isso seja uma contribuição social e acadêmica.

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, E. O problema formal da enunciação, In. **Problemas de lingüística geral II**. Campinas: Pontes, 1989.

BRANDÃO, H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2 ed, ver. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

BRASIL. Constituição Brasileira (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil:** promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL. Lei Federal n. 8069/90 de 13/07/1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**

CHARAUDEAU, P. & MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso.** 2 ed. Tradução Fabiana komessu., São Paulo:Contexto, 2008.

DA MATTA, Roberto. Você tem Cultura? **Jornal da Embratel.** Set. 81. Suplemento Cultural

FERNANDES, Rubem César. **Privado Porém Público:** o Terceiro Setor na América Latina.

Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber.** Trad. L. F. Baeta Neves. Petrópolis: Vozes, 1971

FREITAS, E.P. O Ensino de Arte nas ONGs: um olhar sobre a formação do arte/educador. In: CONGRESSO LATINOAMERICANO E CARIBENHO DE ARTE/EDUCAÇÃO; CONGRESSO NACIONAL DA FEDERAÇÃO DOS ARTE/EDUCADORES DO BRASIL 19., Belo Horizonte: Concepções Contemporâneas, 2009. **Anais...** Belo Horizonte: Concepções Contemporâneas, 2009. V.1.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura:** um conceito antropológico. 19. ed. Rio de Janeiro; Jorge Zahar Ed., 2006

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em Análise do Discurso.** Tradução Freda I. Campinas, SP: Pontes, 1997.

MUSSALIM, F. & BENTES, A. C. (orgs.). **Introdução à linguística:** domínios e fronteiras. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2003. V. 2

ONU (Organização das Nações Unidas). **Declaração Universal dos Direitos Humanos.** Adotada e proclamada pela resolução 217 A (III) da Assembléia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Orlandi et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998 (Título original: Les vérités de la Palice, 1975)

POSSENTI, S. **Discurso, estilo e subjetividade.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SIMÕES, Carlos. **Curso de Direito do Serviço Social.** 2. ed. Rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2008. (Biblioteca básica de serviço social; v.3)